

## A ATUALIDADE DO COMUNISMO EM ALAIN DE BADIOU

Jéverton Soares dos Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** Marx mostra, em sua penetrante crítica ao capitalismo, que a emancipação humana é uma tarefa não só possível teoricamente como necessária empiricamente. Assim a negação obstinada da impossibilidade de mudança radical da ordem capitalista, talvez a maior contribuição filosófica marxiana, nos impulsiona a pensar hoje, mais do que nunca, se não estamos vivendo também num mundo semelhante ao pensador alemão, em virtude da vontade de transformação, que representa, sem dúvida, a expressão máxima do pensamento marxista do século XX. É justamente essa preocupação com a transformação do real que nos leva ao encontro do pensamento de um dos maiores filósofos da atualidade, a saber, Alain de Badiou. Além de permanecer fiel ao projeto de emancipação inerente ao comunismo, Badiou tenta responder questões que ainda hoje estão na ordem do dia quando o tema é a teoria desenvolvida pelo filósofo alemão: até que ponto é correto dizer que a teoria marxista fracassou? O que seria um fracasso? O que há de atual no comunismo? Como ainda é possível a resistência teórica e prática ao regime hegemônico vigente? Tentaremos responder, portanto, estas e outras questões, com base nos escritos tardios de Badiou, dando ênfase na obra publicada em 2009, intitulada *A Hipótese Comunista*, que representa, certamente, um relato esclarecedor sobre a singularidade da apropriação badiouniana da teoria marxiana.

### 1. INTRODUÇÃO

*“Marx disse que o comunismo é a ruptura, ‘do modo mais radical, com as ideias tradicionais’, e faz surgir ‘uma associação na qual o livre desenvolvimento de cada um é a condição para o livre desenvolvimento de todos’.* “Ruptura com o capital-parlamentarismo, política inventada rente ao real popular, soberania da ideia: tudo esta aí, desligando-nos do filme da crise e devolvendo-nos ao nosso próprio crescimento”<sup>2</sup>.

Mesmo numa abordagem superficial sobre o pensamento de Karl Marx, destacam-se duas características fundamentais de sua teoria, que estão entrelaçadas entre si. A primeira é a questão política, referente à dissolução da classe burguesa, e a instauração de um Estado comunista pelo proletariado, e a segunda é a sua crítica social, que é pressuposto da primeira, concernente ao exame minucioso das contradições presentes na infraestrutura da sociedade capitalista<sup>3</sup>.

Nos *Manuscritos Econômicos filosóficos*, texto da juventude, Marx já articula este lado político, quando escreve que “a igualdade enquanto fundamento do comunismo é a sua fundamentação política”<sup>4</sup>. Destaca-se também o *Manifesto do Partido Comunista*, escrita a quatro mãos com Friedrich

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail: jevertonsoares@hotmail.com.

<sup>2</sup> BADIOU. *A Hipótese Comunista*. p.56.

<sup>3</sup> Esta interpretação de Marx, embora não seja unânime no pensamento marxista, toca, a meu ver, nos dois elementos centrais de seu pensamento crítico. Sigo, assim, a leitura realizada por Rodrigo Duarte no seminal ensaio intitulado “Adorno Marxista”. In: DUARTE, R. *Adornos: nove ensaios sobre o filósofo frankfurtiano*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997. p.109.

<sup>4</sup> MARX, K. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Trad. Jesus Ranieri. São Paula: Boitempo, 2004. p.145.

Engels, pelo qual é afirmado que “o que caracteriza o comunismo não é abolição da propriedade em geral, mas a abolição da propriedade burguesa”<sup>5</sup>.

Com relação ao segundo aspecto da teoria marxista, isto é, o social, presente na fase mais madura do seu pensamento, ou seja, na monumental obra *O Capital*<sup>6</sup>, talvez seja surpreendente o fato de que a questão da revolução comunista possui um aspecto um tanto secundário<sup>7</sup>, já que o economista alemão dedica praticamente todo o seu livro para examinar de modo profundamente crítico as bases pelas quais se sustentam todos os antagonismos presentes na sociedade liberal. Neste livro aparecem conceitos indispensáveis para a compreensão da teoria crítica desenvolvida por Marx, tais como fetiche, mais valia, produção, reprodução, trabalho, alienação, etc<sup>8</sup>.

Em sua penetrante crítica ao capitalismo, Marx acaba por mostrar que a emancipação é uma tarefa não só possível teoricamente como necessária empiricamente.

Assim a negação obstinada da impossibilidade de mudança radical da ordem capitalista, talvez a maior contribuição filosófica de Marx, retratada, entre outras coisas, pela irônica analogia de que “as ordens do capitalista no campo de produção tornam-se agora tão indispensáveis quanto as ordens do general no campo de batalha”<sup>9</sup>, nos impulsiona a pensar hoje, mais do que nunca, se não estamos vivendo também num mundo semelhante ao de Marx, em virtude da vontade de transformação, expressão máxima do pensamento marxista do século XX.

É justamente essa preocupação com a transformação do real que nos leva ao encontro do pensamento de um dos maiores filósofos da atualidade, a saber, Alain de Badiou. Além de permanecer fiel ao projeto de emancipação inerente ao comunismo, Badiou tenta responder questões que ainda hoje estão na ordem do dia quando o tema é a teoria desenvolvida por Marx: até que ponto é correto dizer que a teoria marxista fracassou? O que seria um fracasso? O que há de atual no comunismo? Como ainda é possível a resistência teórica e prática ao regime hegemônico vigente? Tentaremos responder, portanto, estas e outras questões, com base nos escritos tardios de Badiou, dando ênfase na obra publicada em 2009, intitulada *A Hipótese Comunista*, que representa, certamente, um relato esclarecedor sobre a singularidade da apropriação badiouniana da teoria marxiana.

## 2. A TAREFA DA FILOSOFIA SEGUNDO BADIOU

---

<sup>5</sup> MARX, K. ENGELS, F. *Manifesto do partido comunista*. Trad. Antônio Braga. São Paulo: Editora Escala, 2009.p.72.

<sup>6</sup> MARX,K.*O capital*. Trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo:Victor Civita, 1996.

<sup>7</sup> “O próprio termo revolução socialista aparece pouquíssimas vezes em O Capital, todas em passant”. In: DUARTE, R. *Adornos: nove ensaios sobre o filósofo frankfurtiano*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997. p.109-110.

<sup>8</sup> É claro que alguns conceitos como alienação, comunismo e trabalho já aparecem nas obras da juventude, sobretudo nos *Manuscritos Econômico- Filosóficos* de 1844. Nesse sentido é errôneo dizer que existem dois Marx: o jovem “idealista” e o maduro “materialista”. Marx sempre foi coerente com seu projeto: a emancipação humana. No entanto, o que sustentamos aqui, mesmo que de maneira superficial já que este não é o escopo deste artigo, é que os conceitos marxianos sofrem transformações, no sentido de aprofundamento e clareza, ao longo de sua vida.

<sup>9</sup> MARX,K. *O capital*. Trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo:Victor Civita, 1996.p. 447.

Antes de expormos o tratamento que Badiou oferece ao comunismo, tema central deste artigo, pretendemos apresentar *en passant* alguns dos pressupostos fundamentais de seu pensamento filosófico, a partir do conceito de situação filosófica, essencial para o entendimento do caráter profundamente crítico de sua teoria. Vejamos então quais são estas ideias.

No *Manifesto pela Filosofia*, publicado pela primeira vez em 1989, podemos sublinhar duas considerações relevantes acerca da natureza da filosofia para Badiou: em primeiro lugar é a de que a filosofia não é capaz de produzir verdades<sup>10</sup>, e que, em segundo lugar, a filosofia é condicionada por aquilo que ele chama de procedimentos de verdade<sup>11</sup>, a saber, a ciência, a política, a arte e o amor. Daí que o capítulo dedicado a esta reflexão se chame *Condições*, pois mostra justamente quais são as condições necessárias para o labor filosófico. Claro que não existe uma relação hierárquica entre estes procedimentos. A ordem que acabamos de apresentar não faz menção a qualquer juízo de valor sobre o peso que cada procedimento tem dentro da filosofia badiouniana, assim como para a filosofia em geral<sup>12</sup>.

Entretanto se a política, a ciência, a arte e o amor são condições necessárias para a formulação do pensamento filosófico, então é necessário esclarecer qual é a tarefa da filosofia frente às verdades produzidas por essas dimensões da existência. Logicamente que a filosofia não se reduz a elas. Toda a tentativa de restringir a filosofia às suas condições é chamada por Badiou de sutura<sup>13</sup>. Podemos dizer que uma das marcas do seu pensamento é lutar contra o postulado do fim da filosofia, portanto resistir à ideia da sutura. Como salienta Norman Madarasz, “*de-suturada a filosofia poderá existir*”<sup>14</sup>.

Mesmo que num contexto bastante diverso, Badiou retoma com a temática da tarefa da filosofia frente às demais realidades, só que, desta vez, oferecendo uma explicação mais detalhada sobre a posição que o filósofo precisa ter diante da práxis. Referimo-nos aos ensaios *Cinema como Experimentação Filosófica* e *Filosofia no Presente*, baseadas em conferências proferidas no ano de 2004. O filósofo expõe o conceito de situação filosófica, esclarecedor no que tange a tarefa da filosofia.

Podemos dizer, sem medo, que uma situação filosófica é uma situação dialética. É nesse sentido que Badiou afirma que “*uma situação filosófica é um encontro entre termos estranhos*”<sup>15</sup>. Essa relação entre dialética e a concepção de situação filosófica ficará mais evidente nos três exemplos

---

<sup>10</sup> BADIOU, A. *Manifesto for philosophy*. Traduzido, editado e introduzido por Norman Madarasz. New York: State University of New York Press, 1999. p. 35.

<sup>11</sup> BADIOU, A. *Manifesto for philosophy*. Traduzido, editado e introduzido por Norman Madarasz. New York: State University of New York Press, 1999. p. 33.

<sup>12</sup> BADIOU, A. *Manifesto for philosophy*. Traduzido, editado e introduzido por Norman Madarasz. New York: State University of New York Press, 1999. p.35.

<sup>13</sup> BADIOU, A. *Manifesto for philosophy*. Traduzido, editado e introduzido por Norman Madarasz. New York: State University of New York Press, 1999. p. 61.

<sup>14</sup> MADARASZ, N. *A Filosofia de Alain Badiou em perspectiva (Revista Ethica. Cadernos acadêmicos, 2008.2)*. Disponível em < <http://www.revistaethica.com.br/v15n2Apresentacao.pdf> >. Acesso em 08/05/2013.

<sup>15</sup> BADIOU, A.. *El cine como experimentación filosófica*. In: YOEL, Gerardo( org.). *Pensar el cine 1: imagen, ética y filosofía*. Buenos Aires: Manantial, 2004. p.23

dados pelo próprio filósofo: o primeiro é oriundo de um diálogo de Platão chamado *Górgias*; o segundo é a morte do matemático grego Arquimedes; e finalmente, o terceiro exemplo é um filme, de origem japonesa, chamado *Os Amantes Crucificados*<sup>16</sup>. É interessante notar que Badiou usa os mesmos exemplos em ambas as obras<sup>17</sup>, mas isso, longe de denunciar uma aparente falta de imaginação do autor, pressupõe a compreensão de que o evento, tal como ele formula em *Ser e Evento*, possui uma singularidade irreduzível e não pode ser aplicado a qualquer fato histórico. Essa ideia ficará mais clara ainda quando examinarmos a sua visão sobre o comunismo. Por hora, voltemos aos exemplos.

A pergunta que qualquer um pode se fazer ao se deparar com estes exemplos é o porquê que eles apontam para uma situação filosófica. A resposta é simples. Nos três episódios há um conflito dialético. No *Górgias*, Sócrates afirma que o “*verdadeiro homem é o justo*”<sup>18</sup>, enquanto que Cálicles defende o oposto: “*o homem feliz é o tirano*”<sup>19</sup>. Há, portanto, de um lado, a defesa da justiça como pensamento e, de outro, a justiça como violência. Para Badiou tal discussão transcende o estatuto de uma mera discussão: torna-se uma confrontação<sup>20</sup>. Vale sublinhar que quando usamos o conceito de dialética não estamos nos referindo ao sentido usado por Hegel. Não há como criar uma identidade entre os dois lados da situação, tão pouco uma síntese. Daí que resulta que uma situação filosófica nos força a optar por um dos lados da confrontação, e não eleger uma síntese consoladora. Neste sentido, a situação filosófica é o momento em que ilustramos uma escolha existencial ou do pensamento<sup>21</sup>. Em contrapartida, no exemplo da morte do matemático Arquimedes, que na verdade foi assassinado por supostamente desobedecer a uma ordem do general romano Marcellus, Badiou evidencia que entre o poder do Estado e o pensamento criador não pode haver síntese também. Se o poder é violência e o pensamento criador só conhece suas próprias regras<sup>22</sup>, a situação filosófica deve justamente esclarecer a distância entre o poder e as verdades.<sup>23</sup> Finalmente, no terceiro exemplo de situação filosófica, isto é, o filme japonês *Os Amantes crucificados*, aparece uma ideia central para a compreensão do pensamento de Badiou em sua totalidade, e não só no contexto desta obra: a ideia de ruptura. Antes de

---

<sup>16</sup> BADIOU, A. *El cine como experimentación filosófica*. In: YOEL, Gerardo( org.). Pensar el cine 1: imagen, ética y filosofía. Buenos Aires: Manantial, 2004. p.25.

<sup>17</sup> BADIOU, A. ŽIŽEK, Slavoj. *Philosophy in the present*. Trad. Peter Thomas e Alberto Toscano. Cambridge: Polity, 2009.

<sup>18</sup> BADIOU, A. *El cine como experimentación filosófica*. In: YOEL, Gerardo( org.). Pensar el cine 1: imagen, ética y filosofía. Buenos Aires: Manantial, 2004. p.24.

<sup>19</sup> BADIOU, A. *El cine como experimentación filosófica*. In: YOEL, Gerardo( org.). Pensar el cine 1: imagen, ética y filosofía. Buenos Aires: Manantial, 2004. p.24.

<sup>20</sup> BADIOU, A. *El cine como experimentación filosófica*. In: YOEL, Gerardo( org.). Pensar el cine 1: imagen, ética y filosofía. Buenos Aires: Manantial, 2004. p. 24.

<sup>21</sup> BADIOU, A. *El cine como experimentación filosófica*. In: YOEL, Gerardo( org.). Pensar el cine 1: imagen, ética y filosofía. Buenos Aires: Manantial, 2004. p. 24.

<sup>22</sup> BADIOU, A. *El cine como experimentación filosófica*. In: YOEL, Gerardo( org.). Pensar el cine 1: imagen, ética y filosofía. Buenos Aires: Manantial, 2004. p. 25.

<sup>23</sup> BADIOU, A. *El cine como experimentación filosófica*. In: YOEL, Gerardo( org.). Pensar el cine 1: imagen, ética y filosofía. Buenos Aires: Manantial, 2004. p. 25.

apresentar melhor este conceito, se faz mister aqui explicar brevemente o enredo do filme, na percepção do próprio Badiou:

Sem dúvida, é um dos mais belos filmes feitos sobre o amor. O enredo pode ser facilmente resumido. O filme se passa na era clássica do Japão. As qualidades visuais parecem inesgotáveis, especialmente quando se trata de preto e branco. Uma jovem mulher está casada com o dono de uma pequena oficina, um homem honesto de meios confortáveis, mas que ela não ama nem deseja. Surge então um homem jovem, empregado de seu marido, pelo qual ela se apaixona. Mas neste período clássico(...) adultério é punido com a morte: os culpados devem ser crucificados. Os dois amantes acabam fugindo para o campo. A sequência que mostra a sua fuga para a floresta, para o mundo de caminhos, camarotes, lagos e barcos, é verdadeiramente extraordinária. O amor, vítima de seu próprio poder sobre este casal perseguido e assediado, está envolto em uma natureza tão opaca quanto poética<sup>24</sup>.

Naturalmente que é plausível questionar a razão pela qual uma tragédia amorosa como a retratada pelo filme, pode ser considerada como uma situação filosófica. Badiou explica que tal filme retrata uma relação entre opostos que é impossível de conciliar. O dilema que é apresentado é o de obedecer às regras da cidade ou ser fiel a um afeto. Dito em outros termos: o filme apresenta uma situação onde se opõe o acontecimento do amor à subordinação *tout court* ao conservadorismo social.

Segundo Badiou, a tarefa da filosofia, nos três casos, é esclarecer as escolhas do pensamento (exemplo 1), esclarecer a distância entre o Estado e as verdades (exemplo 2) e finalmente, esclarecer o valor do acontecimento, o valor da ruptura ( exemplo 3)<sup>25</sup>. Note que a situação filosófica não é igual à própria filosofia. A tarefa do filósofo é justamente explicitar as relações dos opostos, quando ela realmente existe, e problematizar se for o caso de uma falsa relação (como ocorreu na invasão ao Iraque empreendida pelos EUA em 20 de março de 2003, e que foi duramente criticada por Badiou)<sup>26</sup>. Assim note que o conceito de situação filosófica implica numa nova maneira de conceber o trabalho filosófico frente às demais realidades, inclusive à política.

### 3. A METAPOLÍTICA COMO SUPERAÇÃO DA FILOSOFIA POLÍTICA

A propósito da posição política de Badiou, encontramos a obra *Compêndio de Metapolítica*, que é esclarecedora no que tange a profundidade de seu posicionamento crítico. Logo no capítulo

---

<sup>24</sup> “Without a doubt, it is one of the most beautiful films ever made about love. The plot can be easily summarized. The film is set in Japan’s classical era, the visual qualities of which, especially when it comes to black and white, appear inexhaustible. A young woman is married to the owner of a small workshop, an honest man of comfortable means, but whom she neither loves nor desires. Enter a young man, one of her husband’s employees, with whom she falls in love. But in this classical period(...) adultery is punished by death: the culprits must be crucified. The two lovers end up fleeing to the countryside. The sequence which depicts their flight into the forest, into the world of paths, cabins, lakes and boats, is truly extraordinary. Love, prey to its own power over this hunted and harassed couple, is enveloped in a nature as opaque as it is poetic”. In: BADIOU, A. ŽIŽEK, S. *Philosophy in the present*. Trad. Peter Thomas e Alberto Toscano. Cambridge: Polity, 2009. p. 17.

<sup>25</sup> BADIOU, A. *El cine como experimentación filosófica*. p. 26-27.

<sup>26</sup> “My positive example concerns the necessity of an intervention faced with the American war against Iraq. In the case of the American war against Iraq, unlike in parliamentary elections, all the criteria are brought together. First, there is something incommensurable in a very simple sense: between American power, on the one hand, and the Iraqi state, on the other, there is no common measure. It’s not like France and Germany during the war of 1914-18”. In: BADIOU, A; ŽIŽEK, S. *Philosophy in the present*. p.23.

inicial deste livro, o filósofo tece duras críticas àquilo que atualmente se designa como Filosofia Política, a saber, o conjunto de reflexões que consideram a política como um dado invariável da experiência universal<sup>27</sup>. Badiou acredita que esta visão do político acaba por personificar três preconceitos criados pelos filósofos contemporâneos em torno deste assunto: 1º) pensar que o filósofo deve ser um analista das confusas práticas políticas; 2º) colocar o filósofo em uma posição privilegiada com relação à política, ou seja, ao lado de princípios éticos previamente estabelecidos; 3º) esquecer que a política é, acima de tudo, militância em algum processo de transformação do real<sup>28</sup>. Todos estes prejuízos podem se resumir na ideia de que a filosofia deve se contentar em ser apenas análise de juízos políticos, e não precisa participar da práxis política. Badiou problematiza esta concepção de filosofia. Por esta razão ele prefere chamar sua reflexão de metapolítica em oposição a este tipo de pensamento. Assim acaba por defender que a metapolítica não pode ser outra coisa do que a formulação de um princípio para ação coletiva que visa transformar a situação plural vigente<sup>29</sup>.

É verdade que ao criticar este modelo hegemônico de filosofia política, que é certamente oriundo de Kant<sup>30</sup>, mas seguido por Arendt, Habermas, Rawls, entre outros, Badiou acaba por romper com a ideologia dominante quase que sacralizada pelos meios acadêmicos hodiernos, a saber, a de que o político encontra o seu único lugar legítimo por meio da discussão, no sentido de opinião, dentro da esfera pública<sup>31</sup>. Esta ideologia implica uma relação de antagonismo entre a política e a verdade, já que, como sublinha Badiou, desde Platão a opinião é inimiga da verdade<sup>32</sup>. O autor de *Ser e Evento* mostra que a crença deturpada sobre a verdade na política encontra respaldo apenas na conformação dissimulada com o poder econômico vigente<sup>33</sup>. Assim o filósofo crê que não se deve pensar a existência da política sem o conceito de verdade, pois “a antinomia da verdade e da discussão é uma brincadeira de mau gosto”<sup>34</sup>. Isso quer dizer que “o comentário de café ou a conversa entre amigos”<sup>35</sup> não pode constituir a essência da vida política. Com isso Badiou não nega a importância que a discussão pode ter na práxis política. Sublinha, no entanto, que para ser política, a discussão deve implicar em alguma forma de decisão<sup>36</sup>.

Assim chegamos ao conceito de decisão, fundamental para a compreensão da problemática filosófica da política e da verdade. Por quê? Segundo Badiou, o processo de verdade se dá por meio de pontos e a decisão é justamente a escolha entre um ponto e outro. No livro 6 da *Lógica dos Mundos* o filósofo desenvolve melhor esta ideia. Na tensão com o pensamento existencial de Kierkegaard, procura formular uma teoria dos pontos que tenta dar conta da explicação objetiva ou transcendental

---

<sup>27</sup> BADIOU, A. *Compêndio de Metapolítica*. Trad. Filipe Duarte. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.p.21.

<sup>28</sup> BADIOU, A. *Compêndio de Metapolítica*. Trad. Filipe Duarte. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.p.21.

<sup>29</sup> BADIOU, A. *Compêndio de Metapolítica*. Trad. Filipe Duarte. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.p.24.

<sup>30</sup> BADIOU, A. *Compêndio de Metapolítica*. Trad. Filipe Duarte. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.p.22.

<sup>31</sup> BADIOU, A. *Compêndio de Metapolítica*. Trad. Filipe Duarte. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.p.25.

<sup>32</sup> BADIOU, A. *Compêndio de Metapolítica*. Trad. Filipe Duarte. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.p.25.

<sup>33</sup> BADIOU, A. *Compêndio de Metapolítica*. Trad. Filipe Duarte. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.p.26.

<sup>34</sup> BADIOU, A. *Compêndio de Metapolítica*. Trad. Filipe Duarte. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.p.26.

<sup>35</sup> BADIOU, A. *Compêndio de Metapolítica*. Trad. Filipe Duarte. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.p.27.

<sup>36</sup> BADIOU, A. *Compêndio de Metapolítica*. Trad. Filipe Duarte. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.p.27.

do mundo e a constituição existencial da consciência<sup>37</sup>, temas que aparecem na teoria da decisão kierkegaardiana. O filósofo francês tenta unir duas dimensões distintas do processo de verdade: uma de cunho existencial, a decisão, e outro de cunho objetivo, a verdade. Podemos dizer que a restauração da verdade política do comunismo é a tarefa principal de sua metapolítica.

Mas é no contexto de outra obra sua, a saber, d'*A Hipótese Comunista*, que Badiou desenvolve a ideia de que o fracasso do comunismo precisa ser problematizado, necessita ser visto não como uma falha total ou absoluta, mas como um momento explicado pela sua teoria dos pontos. Se cada ponto é um momento da verdade, e a decisão é escolher binariamente (entre esse ou aquele ponto) dentro do procedimento de verdade, provocando assim uma mudança em todo o processo de verdade, então segue-se daí que o aparente fracasso comunista nada mais é do que resultado de uma má escolha<sup>38</sup>. Em termos práticos isso implica que a hipótese comunista não precisa ser descartada, mas tomada como algo realmente possível. Vejamos como Badiou leva a cabo sua argumentação sobre o tema.

#### 4. A HIPÓTESE COMUNISTA

Nas primeiras páginas da *Hipótese Comunista*, destacam-se três questões que são importantes para os fins de nossa investigação. Em primeiro lugar, concernente à crítica aos “novos filósofos franceses” e suas inúteis reflexões sobre filosofia política<sup>39</sup>, que nada mais são do que versões sofisticadas da ideologia anticomunista estadunidense<sup>40</sup>. Em segundo lugar, referente à condenação do regime capitalista-parlamentar, que continua sendo um modelo político desigualitário, no qual o Estado passou a ser aquele que administra toda a miséria do povo em nome dos interesses das grandes potências e também da propriedade burguesa<sup>41</sup>. Em terceiro lugar, alusivo ao questionamento da ideia de que a crença atual no fracasso do socialismo real seja indício suficiente para abandonarmos a hipótese da política de emancipação oriunda do comunismo<sup>42</sup>.

Sobre o terceiro aspecto, a saber, acerca da falência do comunismo na história, Badiou dedicará os capítulos 1, 2, e 3, com a pretensão de mostrar que o fracasso não precisa ser visto como algo puramente negativo, como quer a filosofia política acadêmica, nomeada pelo filósofo como “a

---

<sup>37</sup> BADIOU, A. *Logics of Worlds*. Trad. Alberto Toscano. London: Continuum. 2009.p.401.

<sup>38</sup> BADIOU, A. *A hipótese comunista*. Trad. Mariana Echalar. São Paulo:Boitempo, 2012.p.25.

<sup>39</sup> BADIOU, A. *A hipótese comunista*. Trad. Mariana Echalar. São Paulo:Boitempo, 2012.p.25.

<sup>40</sup> BADIOU, A. *A hipótese comunista*. Trad. Mariana Echalar. São Paulo:Boitempo, 2012.p.9-11. O argumento anticomunista é retratado por Badiou do seguinte modo: “A ideia de comunismo é uma utopia criminosa, que tendo fracassado em todo o mundo, deve ceder o lugar para uma cultura dos direitos humanos que combine o culto da liberdade (inclusive, e em primeiro lugar, a liberdade de empreender, possuir e enriquecer, fiadora material de todas as outras) e uma representação vitimária do bem”. In: BADIOU, A. *A hipótese comunista*. Trad. Mariana Echalar. São Paulo:Boitempo, 2012.p.9.

<sup>41</sup> BADIOU, A. *A hipótese comunista*. Trad. Mariana Echalar. São Paulo:Boitempo, 2012.p. 10.

<sup>42</sup> BADIOU, A. *A hipótese comunista*. Trad. Mariana Echalar. São Paulo:Boitempo, 2012.p. 23.

criada culta do capital-parlamentarismo”<sup>43</sup>, mas como algo que precisa ser contextualizado. Dito em outros termos,

todo fracasso é localizável em um ponto. E é por isso que todo o fracasso é uma lição que se incorpora por fim na universalidade positiva da construção de uma verdade. Para isso, é preciso localizar, encontrar e reconstruir o ponto a respeito do qual a escolha foi desastrosa<sup>44</sup>.

No primeiro capítulo, Badiou examina dois temas fundamentais para a compreensão de sua concepção de comunismo: a Revolução de Maio de 1968 e a crise sistemática do capitalismo. Sobre o primeiro assunto, Badiou apresenta dois ensaios escritos em épocas distintas: em 2008, e outro em 1968, respectivamente. O autor procura mostrar, no ensaio de 2008, que qualquer classificação simplista de Maio de 68, precisa ser vista com suspeita. Isso porque tal acontecimento possui uma grande complexidade, ou em termos badiouianos “uma multiplicidade heterogênea”<sup>45</sup>. O filósofo elenca, então, quatro “Maio de 68”, com o intuito de apresentar sua ideia comunista. Vejamos quais são estes quatro aspectos.

Em primeiro lugar, o lado subversivo, concernente aos confrontos protagonizados por universitários com a polícia. Badiou chama atenção do fato de que isso não ocorreu apenas na França, mas em vários lugares do globo terrestre, tais como México, Alemanha, China, Estados Unidos, etc. Destaca, além disso, que os universitários que participavam das manifestações (que realmente eram poucos, já que a grande parcela da população não tinha o ensino médio na década de 60), se valiam do vocabulário marxista, o que desmente qualquer visão liberal deste acontecimento<sup>46</sup>. A imagem que o filósofo evoca para retratar este primeiro aspecto de Maio de 68 é a de “Sorbonne ocupada”<sup>47</sup>.

Em segundo lugar, o lado proletariado de Maio de 68, referente à maior greve de trabalhadores da história francesa, que ocorreu justamente neste período. Badiou sublinha três elementos que tornam este acontecimento radicalmente inovador. O primeiro é o fato de que a greve ter ocorrido nas margens de qualquer instituição sindical. Segundo o uso sistemático de ocupações de fábrica, inspirado nas “grandes greves de 1936 ou 1947”<sup>48</sup>. Terceiro é a prática de violência por parte dos operários, que se valiam de sequestros e confrontos periféricos com altos funcionários do governo e com a polícia. A imagem que Badiou evoca é a ocupação das grandes fábricas de automóveis, sobretudo a Billancourt<sup>49</sup>.

Em terceiro lugar, o lado libertário de 68, alusivo à questão da mudança de costumes, que ocorreu a partir deste acontecimento. Segundo Badiou, só o fato de estar na pauta de Maio de 68 questões como a liberdade individual, a igualdade das mulheres e também a emancipação dos

---

<sup>43</sup> BADIOU, A. *A hipótese comunista*. Trad. Mariana Echalar. São Paulo:Boitempo, 2012.p. 25.

<sup>44</sup> BADIOU, A. *A hipótese comunista*. Trad. Mariana Echalar. São Paulo:Boitempo, 2012.p.25.

<sup>45</sup> BADIOU, A. *A hipótese comunista*. Trad. Mariana Echalar. São Paulo:Boitempo, 2012.p.29.

<sup>46</sup> BADIOU, A. *A hipótese comunista*. Trad. Mariana Echalar. São Paulo:Boitempo, 2012.p.28.

<sup>47</sup> BADIOU, A. *A hipótese comunista*. Trad. Mariana Echalar. São Paulo:Boitempo, 2012.p.30.

<sup>48</sup> BADIOU, A. *A hipótese comunista*. Trad. Mariana Echalar. São Paulo:Boitempo, 2012.p.29.

<sup>49</sup> BADIOU, A. *A hipótese comunista*. Trad. Mariana Echalar. São Paulo:Boitempo, 2012.p.30.

homossexuais mostra que a libertação é uma característica essencial de tal evento. A imagem que o filósofo evoca para retratar este Maio é a da ocupação do Teatro Odéon<sup>50</sup>.

Em quarto lugar, o lado político, que segundo Badiou, é o mais essencial, tanto para a compreensão do período da década de 60, quanto para a possibilidade do comunismo hoje, referente à pergunta radical “o que é política”, que tem sua origem no prognóstico de que é necessária uma nova concepção política que seja capaz de dar conta de superar as limitações da velha política do comunismo. O filósofo problematiza a ideia clássica de que existe um agente histórico objetivo que traz consigo a possibilidade de emancipação<sup>51</sup>. Desse modo Badiou acredita que a maior lição de Maio de 68 foi a de mostrar que as formas clássicas de comunismo, aquelas que se apresentavam por meio de organizações históricas de esquerda, de partidos, de sindicatos, de líderes, etc., precisam ser vistas como “traidoras” do comunismo<sup>52</sup>. No entanto, isso não quer dizer que a própria ideia de comunismo é obsoleta. Pelo contrário. O principal problema do capitalismo é o de que ele se apresenta como o único mundo possível, apesar dele conter em si elementos que desmentem sua necessidade, tais como desigualdade e injustiça sociais. No entanto, para Badiou, um problema político é análogo a uma querela científica: mesmo que demore séculos para ser resolvido, não impede que encontremos uma solução verdadeira. E para o filósofo, a política de emancipação inaugurada pelo comunismo é verdadeira. Por essa razão, propõe três ações emergenciais para o comunismo na atualidade. Em primeiro lugar, manter a hipótese histórica que defende um mundo livre da lei do lucro e do interesse privado. Em segundo lugar, lutar contra o terrorismo linguístico acadêmico, que é simbolizada pela proibição do uso de termos como proletariado, classe, povo, fim da propriedade privada, etc. E em terceiro lugar, pensar uma nova forma de organização comunista, que consiga superar as formas clássicas, sem tropeçar nos mesmos erros, nem compactar com práticas como a corrupção e o reacionarismo<sup>53</sup>, facilmente localizáveis dentro da democracia parlamentar-capitalista.

Fica evidente que sua concepção de comunismo está intimamente ligada à filosofia. Por quê? Ora, Badiou mostra que o imperativo capitalista, “enriqueças” é sinônimo de “viva sem ideia”<sup>54</sup>. Como vimos na seção anterior, Badiou mostra que a principal tarefa do filósofo é denunciar uma falsa relação ou oposição. A visão capitalista do mundo apresenta uma falsa dicotomia: ou a democracia-parlamentar ou o totalitarismo-comunista. Por detrás da aceitação tácita deste pseudoproblema, pelos meios acadêmicos, está, na verdade, a covardia<sup>55</sup>. Para Badiou, é necessário, antes de qualquer coisa, ter coragem de defender o comunismo para além dos reducionismos liberais<sup>56</sup>.

A hipótese comunista é assim definida por Badiou:

---

<sup>50</sup> BADIOU, A. *A hipótese comunista*. Trad. Mariana Echalar. São Paulo:Boitempo, 2012.p.31.

<sup>51</sup> BADIOU, A. *A hipótese comunista*. Trad. Mariana Echalar. São Paulo:Boitempo, 2012.p.32.

<sup>52</sup> BADIOU, A. *A hipótese comunista*. Trad. Mariana Echalar. São Paulo:Boitempo, 2012.p.33.

<sup>53</sup> BADIOU, A. *A hipótese comunista*. Trad. Mariana Echalar. São Paulo:Boitempo, 2012.p.37-8.

<sup>54</sup> BADIOU, A. *A hipótese comunista*. Trad. Mariana Echalar. São Paulo:Boitempo, 2012.p.38.

<sup>55</sup> BADIOU, A. *A hipótese comunista*. Trad. Mariana Echalar. São Paulo:Boitempo, 2012.p.9.

<sup>56</sup> BADIOU, A. *A hipótese comunista*. Trad. Mariana Echalar. São Paulo:Boitempo, 2012.p.38.

O que é decisivo, em primeiro lugar, é manter a hipótese histórica de um mundo livre da lei do lucro e do interesse privado. Enquanto estivermos sujeitos, na ordem das representações intelectuais, à convicção de que não podemos acabar com isso, que essa é a lei do mundo, nenhuma política de emancipação será possível. É isso que propus chamar hipótese comunista. Na realidade, ela é amplamente negativa, porque é mais seguro e mais importante dizer que o mundo tal como ele é não é necessário do que dizer que “no vazio” que outro mundo é possível<sup>57</sup>.

O cerne do comunismo para Badiou é a negatividade. É negando a irreversibilidade da ordem econômica e social vigentes, que o filósofo mostra que o comunismo sobrevive, como política de emancipação certamente, mas acima de tudo, como filosofia, isto é, como ideia.

## 5. O COMUNISMO COMO IDEIA

Badiou propõe no capítulo 4, d' *A Hipótese Comunista*, que vejamos o comunismo como uma ideia, ou seja, uma operação intelectual. Usa o conceito de ideia no sentido platônico do termo, isto é, como sendo *eidos*, ou “esse intermediário entre as verdades universais, digamos eternas (...) e o indivíduo”<sup>58</sup>. No entanto, este exercício mental exige três componentes primitivos com o intuito de não cairmos em uma visão solipsista de comunismo. Em primeiro lugar o político, referente à verdade política instaurada pelo comunismo; em segundo lugar o histórico, concernente ao registro antropológico, espacial e temporal no devir da humanidade em geral; e, em terceiro lugar, o componente subjetivo, relativo à vontade do indivíduo de superar o próprio individualismo (ou animalismo) e fixar uma verdade entre a sua própria existência vital e o mundo em que sua existência se manifesta<sup>59</sup>.

Se tomarmos como ponto de partida a ideia badiouniana de subjetivação política, o comunismo é a operação que possibilita uma verdadeira síntese entre política, história e ideologia. Desse modo é errôneo reduzir o comunismo as algumas dessas dimensões como fazem os críticos deste regime. Nenhuma delas é capaz de dar conta sozinha do complexo processo de verdade inerente a ele, já que “a ideia comunista é a operação imaginária pela qual a subjetivação individual projeta um fragmento de real político na narração simbólica de uma história”<sup>60</sup>. Badiou retoma com o conceito de evento, importante para entender sua visão sobre o comunismo. Para o filósofo, evento é uma “ruptura na disposição normal dos corpos e das linguagens tal como ela existe para uma situação particular”<sup>61</sup>. Por isso o comunismo é um evento. No entanto, um evento não é um acontecimento fechado, isto é, um acontecimento que se esgota em um fato singular, mas sim na “criação de novas possibilidades”<sup>62</sup> futuras. Segundo o autor de *Compêndio de Metapolítica*, a nossa atual situação política, donde o

<sup>57</sup> BADIOU, A. *A hipótese comunista*. Trad. Mariana Echalar. São Paulo:Boitempo, 2012.p. 37.

<sup>58</sup> BADIOU, Alain. *O comunismo é a ideia de emancipação de toda a humanidade*. Entrevista de Alain de Badiou à Carta Maior. 11/02/2012.p.2.

<sup>59</sup> BADIOU, A. *A hipótese comunista*. Trad. Mariana Echalar. São Paulo:Boitempo, 2012.p.107-111.

<sup>60</sup> BADIOU, A. *A hipótese comunista*. Trad. Mariana Echalar. São Paulo:Boitempo, 2012.p.111.

<sup>61</sup> BADIOU, A. *A hipótese comunista*. Trad. Mariana Echalar. São Paulo:Boitempo, 2012.p.112.

<sup>62</sup> BADIOU, A. *A hipótese comunista*. Trad. Mariana Echalar. São Paulo:Boitempo, 2012.p. 112.

regime parlamentar é praticamente hegemônico, acaba por invalidar a possibilidade de possíveis transformações ou de rupturas<sup>63</sup>. O Estado ainda é o agente responsável pela administração da pobreza do povo em nome do interesse privado e da propriedade burguesa. Por isso que Badiou propõe que o evento não seja vinculado ao Estado, pois ele tornaria finita a ideia de comunismo:

A ideia de comunismo pode projetar o real de uma política, sempre isento da força do Estado, na figura histórica de um outro Estado, desde que a isenção seja interna a essa operação subjetivante, no sentido de que esse outro Estado também isento da força do Estado, portanto de sua própria força, na medida em que é um Estado cuja essência é enfraquecer<sup>64</sup>.

Por mais paradoxal que possa parecer, Badiou propõe que ao invés de associarmos o evento do comunismo ao Estado, devemos liga-lo aos nomes de indivíduos concretos que participaram corporalmente deste evento, tais como Marx, Lenin, Rosa Luxemburgo, Mao, Che Guevara, etc<sup>65</sup>. A ideia de comunismo precisa da finitude dos nomes próprios, não da finitude do Estado. Badiou mostra que por detrás das críticas ao culto da personalidade individual, está na verdade uma leitura errônea do processo de verdade e do comunismo, já que os nomes emblemáticos de revolucionários comunistas simbolizam, querendo ou não, as aspirações da massa anônima pelas quais eles lutavam em seu contexto histórico. Daí segue sua polêmica afirmação de que a História nada mais é do que a história do Estado<sup>66</sup>, com todas as suas mediações clássicas, tais como família, propriedade, religião, trabalho, etc. Os revolucionários do comunismo conseguiram heroicamente quebrar com a visão hegemônica da História, mostrando que a verdade política da emancipação não deve ser vista como exceção, mas como uma norma acessível a todos<sup>67</sup>. Por esta razão, hoje mais do que nunca, estamos retornando a realidade em que Marx se opôs, já que o Estado, por meio de suas diversas ferramentas ideológicas, tenta comprovar cinicamente que o capitalismo é “menos ruim” do que o comunismo.

A atualidade do comunismo está representada, portanto, no fato de que o mundo que pretensamente evoluiu após o fracasso do socialismo real, encontra os mesmos problemas retratados por Marx no século 19. Dito em outros termos: o comunismo é atual porque ele visa combater problemas que são antigos, mas que hoje são (re)tratados como superados:

Insinua-se por toda parte que os pobres não tem razão de ser pobres, os africanos são atrasados, e o futuro pertence ou às burguesias “civilizadas” do mundo ocidental, ou àqueles que, a exemplo dos japoneses, seguirem o mesmo caminho. Tanto hoje quanto naquela época, encontramos zonas extensíssimas de miséria no próprio interior dos países ricos(...). O fosso subjetivo e político entre os camponeses do Terceiro Mundo, os desempregados e os assalariados pobres de nossas sociedades “desenvolvidas”, de um lado, e as classes médias “ocidentais” de outro, é absoluto e marcado por uma espécie de indiferença rancorosa<sup>68</sup>.

---

<sup>63</sup> BADIOU, A. *A hipótese comunista*. Trad. Mariana Echalar. São Paulo:Boitempo, 2012.p. 112.

<sup>64</sup> BADIOU, A. *A hipótese comunista*. Trad. Mariana Echalar. São Paulo:Boitempo, 2012.p. 114.

<sup>65</sup> BADIOU, A. *A hipótese comunista*. Trad. Mariana Echalar. São Paulo:Boitempo, 2012.p. 114.

<sup>66</sup> BADIOU, A. *A hipótese comunista*. Trad. Mariana Echalar. São Paulo:Boitempo, 2012.p. 113.

<sup>67</sup> BADIOU, A. *A hipótese comunista*. Trad. Mariana Echalar. São Paulo:Boitempo, 2012.p. 114.

<sup>68</sup> BADIOU, A. *A hipótese comunista*. Trad. Mariana Echalar. São Paulo:Boitempo, 2012.p. 119.

A essa altura de nossa análise podemos concluir apontando para um elemento central presente na hipótese comunista badiouniana: a indignação ética. Ser ou não comunista não é só uma questão ideológica ou política, mas essencialmente normativa. Corromper este lado ético do comunismo é a maior mentira repetida e propagada pelos teóricos da filosofia política e da ética. Não é a toa que Badiou encerra a seu livro por meio de um imperativo essencialmente ético: “nós podemos, logo devemos”<sup>69</sup>. Na verdade a própria possibilidade de uma vida feliz depende da ideia inaugurada pelo comunismo: a da emancipação de toda humanidade.

## Referências

- BADIOU, A. *A hipótese comunista*. Trad. Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Compêndio de Metapolítica*. Trad. Filipe Duarte. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.
- \_\_\_\_\_. *El cine como experimentación filosófica*. In: YOEL, Gerardo( org.). *Pensar el cine 1: imagen, ética y filosofía*. Buenos Aires: Manantial, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Logics of Worlds*. Trad. Alberto Toscano. London: Continuum. 2009.
- \_\_\_\_\_. *A. Manifesto for philosophy*. Traduzido, editado e introduzido por Norman Madarasz. New York: State University of New York Press, 1999.
- \_\_\_\_\_. *O comunismo é a ideia de emancipação de toda a humanidade*. Entrevista de Alain de Badiou à Carta Maior. 11/02/2012.
- BADIOU, A. ŽIŽEK, Slavoj. *Philosophy in the present*. Trad. Peter Thomas e Alberto Toscano. Cambridge: Polity, 2009.
- DUARTE, R. *Adornos: nove ensaios sobre o filósofo frankfurtiano*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.
- MADARASZ, N. *A Filosofia de Alain Badiou em perspectiva (Revista Ethica. Cadernos acadêmicos, 2008.2)*. Disponível em < <http://www.revistaethica.com.br/v15n2Apresentacao.pdf>>. Acesso em 08/05/2013.
- MARX, K. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Trad. Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.
- MARX, K. *O capital*. Trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Victor Civita, 1996.
- MARX, K. ENGELS, Friedrich. *Manifesto do partido comunista*. Trad. Antônio Braga. São Paulo: Editora Escala, 2009.

---

<sup>69</sup> BADIOU, A. *A hipótese comunista*. Trad. Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2012. p.119.